



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A ESCOLA COMO PODER

CARAZAS, Prof. Dr. Ramiro G. Rivero
UNESP/Rio Claro/SP

Conceituar expressões com as quais lidamos quotidianamente é fundamental; reconhecer que, às vezes, usamos termos cujo significado desconhecemos em sua amplitude não deve ser regra, principalmente no meio acadêmico. A verdade é que estamos falando e escrevendo cada vez pior, que se dirá então dos alunos de ensino médio e do ensino fundamental.

Escola é uma das expressões mais conhecidas na nossa cultura, mas parece ser a menos compreendida tanto pelos nossos governantes como por aqueles que a freqüentam.

Certamente ela deveria ser conhecida em suas minúcias porque ela é fundamental para o desenvolvimento humano. Isso faz dela detentora de um poder que sintetiza uma interdependência de vontades e meios para alcançar uma determinada finalidade.

No contexto do poder, a escola é um dos meios onde existe a possibilidade de desenvolver as nossas vontades, mas para que isto possa ser concretizado é necessário que ela tenha estrutura suficiente para conseguir a satisfação de necessidades, interesses e aspirações tanto do corpo docente como discente.

Dir-se-á da escola como aquela que reflete de alguma forma as possibilidades e limitações de todo cidadão. Neste sentido, a escola deve ser um sistema social que admite na sua composição interna a formação de subsistemas de uma mesma índole, essenciais para a análise de suas características e avaliação de sua importância. Estes



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



mesmos subsistemas podem servir, posteriormente, para analisá-lo e aferi-lo, sempre que possível, mais perto da realidade que a circunda.

Considerando-a como sistema não pode se negar sua complexidade e ao mesmo tempo reconhecer que uma de suas características fundamentais é a sua integridade. Tal condição parece-nos indiscutível. Essa integridade decorre da interdependência de seus componentes. Professores e alunos não são simples participantes; muito pelo contrário, são seres sistêmicos e complexos dentro deste sistema chamado escola.

Considerada como meio para o desenvolvimento do ser humano, não deverá ser entendida como instrumento de um fim em si mesmo. Sua função dinâmica está condicionada aos fatores de tempo e espaço; no que se refere ao primeiro estão os meios que variam de época para época, e em relação ao segundo ela influencia o ser humano, tanto internamente como externamente, manifestando dessa forma sua relatividade.

A expressão escola é extremamente abrangente no que se refere a recursos humanos; ela comporta no seu espaço diferentes personalidades com interesses, expectativas e idéias diferentes. No que refere à sua ação administrativa também é complexa, existem diretrizes, normas, planejamentos e recursos materiais que necessariamente devem estar integrados para o alcance dos objetivos que possam satisfazer os interesses e aspirações da sociedade.

O sistema escolar tem que ser capaz de favorecer o crescimento e desenvolvimento do aluno, de maneira que ao fazê-lo esteja também contribuindo com o aprimoramento dos grupos sociais, que são tão heterogêneos no seu território.

Os componentes fundamentais da escola na sua expressão psicossocial são seus recursos humanos, isto é, os alunos em primeira instância, pois sem eles a escola perde qualquer sentido, e em segunda instância o meio, onde essa escola se encontra. É essencial que todos os recursos humanos sejam entendidos em sua expressão maior: o

da pessoa humana; esta compreensão deve constituir-se como um dos maiores avanços na atualidade. Se isso o praticamos, é outra questão.

Ser pessoa humana tem implicações muito sérias no processo de vir a ser. O reconhecimento de que esse indivíduo é um ser sistêmico, portanto capaz de decidir por si mesmo, de ser responsável e capaz de entender claramente que suas ações não são robotizadas, e nem puramente intuitivas, implica numa percepção nova por parte do educador.

O estado na sua dimensão definidora de homem não pode deixar de reconhecer o indivíduo como pessoa humana, de maneira que a própria idéia-valor de igualdade fundamental a todos os homens deriva da aceitação de que todos nascemos iguais e com a mesma dignidade sagrada e inviolável.

Dessa forma, ser pessoa implica em um valor absoluto, intrinsecamente não manipulável, intimamente livre e soberano que não pode sofrer constrangimentos ou qualquer violência de qualquer componente do Estado, quanto mais da escola.

A importância da escola é paralela à importância do Estado; ela passa a ser a instituição mais importante depois da família, pois é lá que se deve dar continuidade à construção desse pequeno ser em formação. Negarmos essa importância é ficar na contra mão de qualquer evolução. Fica para o educador a incumbência de que a educação seja a mais plena possível, a despeito do não reconhecimento do Estado.

Historicamente a escola teve momentos melhores do que os de hoje. Era possível perceber a sua contribuição na formação do aluno. Era possível conhecer melhor a família do aluno, dimensão essa que sempre é desconhecida e nunca revelada em sua verdadeira realidade.

Quantos de nós temos histórias para contar de nossa escola, de nossa sala de aula, da nossa relação professor-aluno, e hoje, o que nós podemos dizer de nossos



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

alunos e eles de nós? Qualquer que seja a resposta, que fique como um ponto de reflexão.

No entanto temos outras considerações a fazer, mais especificamente sobre a sala de aula.

Quando iniciei o texto escrevi que muitos de nós não sabemos o significado de muitas expressões e tenho certeza que o termo escola é um deles. Conceituá-la e defini-la não é tão simples, exige um tempo razoável para entendê-la. Mais difícil do que isso está a nossa prática. Muitos de nós sabemos como é difícil lidar consigo mesmo e com os alunos nessa relação dialética do conhecimento.

Afinal, qual é a nossa visão atual da sala de aula? Se for uma percepção física apenas, cada um de nós terá um estilo. Se por outro lado, essa visão for psicossocial, teremos muitas historias para contar.

Porém, vamos socializar o que está acontecendo na atualidade: diversos professores manifestam os conflitos que acontecem dentro dessas quatro paredes. De quem depende que ela seja um lugar onde todos devemos aprender, ou donde nossos sonhos devem virar pesadelos? O que faz com que ela seja vista tanto pelo aluno como pelo professor como o lugar onde tudo acontece, menos aprendizagem formal? Talvez a dificuldade esteja na postura do professor, na formação que teve ou no aluno que, vindo de uma família desorganizada, não conhece limites.

Devemos pensar que o professor é resistente em mudar sua concepção de aula? Por vezes, ele tem um discurso teórico até razoável, mas que é incoerente com sua prática. De certo, o que existe é que ele não reflete sobre o tipo de aula que vai ser ministrada. Muitos deles, em crise, confessam que não sabem como passar o conteúdo proposto. Isto, em vez de ser negativo ou condenável, tem de positivo o fato se tornar consciente, que pode ser o início de reorganizar a visão de sala de aula.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A possibilidade de olharmos para nosso aluno com outros olhos torna-se plausível, o que evitaria posicionamentos preconceituosos estabelecidos num determinado nível de consciência. Por outro lado, o professor não poderia ser acusado de imobilidade, no que se refere principalmente ao método, ou poderia? Se por acaso isto está acontecendo, ele não tem consciência da ambigüidade entre o método e esse novo aluno com expectativas e interesses totalmente opostos aos padrões estabelecidos pelo professor.

De fato, estas situações estão acontecendo, não são de maneira nenhuma hipotéticas. O que deveríamos estar fazendo basicamente para que isto não acontecesse? A resposta é por demais simples: é preciso dialogar. A questão é sabermos se somos capazes de fazer isso.

Não é necessário fazermos pesquisas, algumas vivências mostram a dificuldade que temos de falarmos de nós mesmos, prenúncio de uma repressão bastante séria. Muitos de nós, que trabalhamos juntos há algum tempo, sequer convivemos fora da escola com os colegas da nossa própria unidade escolar.

Se não sabemos dialogar, como podemos ter cumplicidade para construirmos qualquer coisa? Evidentemente que isto não basta. É necessário que o professor tenha competência, e capacidade emocional de discutir estas competências, principalmente com seus pares.

Sabemos que a realidade é bem diferente, muitos de nós somos especialistas em desenvolver defesas, entre elas uma que é bastante nociva: levarmos tudo para o lado pessoal.

Esta é uma das razões que transforma a sala de aula naquilo que é, um local de contradições e conflitos, onde obviamente as partes envolvidas perdem muito; os professores o respeito e os alunos a fase formativa, com todos seus prejuízos.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Não há mágica para resolver isto, mas onde foi possível acontecerem mudanças percebeuse claramente que tanto os professores quanto os alunos passaram a dialogar. Para quem é do ramo, sabe que isto não é uma tarefa simples.

A palavra chave é dialogo principalmente entre o professores. Muitos de nós somos extremamente reprimidos ou bastante soberbos para admitirmos falhas. Muitas vezes sequer sabemos o nome completo de nosso colega de trabalho que está há alguns anos conosco. Que se dirá então em relação ao nosso aluno? A maioria é desconhecida para nós, não sabemos quem é ele, que família tem, quais são seus anseios. Nas nossas avaliações bimestrais não refletimos como podemos ajudá-lo a ter autonomia intelectual, ou quando o fazemos é para justificar a isenção de qualquer responsabilidade pela indisciplina na sala de aula, com argumentos como: não tem pré-requisito, é indisciplinado, não tem interesse em aprender, é bagunceiro, incomoda o colega, joga papel, grita, briga, etc. etc.

Não vamos discordar do professor. Sabemos que isso acontece na sala de aula, muitos alunos desconhecem seus limites, e boa parte deles fazem transferências de comportamento de um professor para outro professor. Por outro lado, é quase impossível convencê-lo de que deveria ter feito alguma coisa por esse aluno.

Alguns teóricos são adeptos de que haja um controle mais ostensivo sobre o professor em sala de aula, começando pela fiscalização rotineira por meio de visitas constantes, colocação de câmaras em cada sala e assim por diante. Pessoalmente acho isso uma aberração.

Parece-me mais positivo e mais funcional que se acompanhe mais de perto a atividade do professor, tanto de aqueles que apresentam maus resultados ou discutíveis bons desempenhos.

No ensino fundamental tenho acompanhado os HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual) de várias unidades escolares. As semelhanças são assustadoras.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Este momento que deveria ser de uma profunda empatia e troca de conhecimentos entre a coordenadora pedagógica e o professor da disciplina é no mínimo paradoxal, no entanto esse contato é muito revelador e de reconhecimento recíproco. Uma coordenação competente e não corporativista percebe claramente o perfil do professor, da mesma maneira um professor competente percebe a competência da coordenadora.

A relação desses dois professores no HTPI não comporta ingenuidade e nem corporativismo, mesmo porque os sinais externos e diversos são reveladores de uma ineficiência, como por exemplo, a reclamação dos pais e dos alunos, ou ainda a impotência da coordenadora, a resistência da professora sobre eventuais problemas.

Se por acaso houvesse auto-suficiência por parte do professor evidentemente que não haveriam tantas reclamações, a indisciplina seria menor e o aproveitamento melhor. O que acontece justamente hoje é o contrário e não é somente numa unidade escolar específica; é uma situação generalizada.

Sempre defendi a autonomia do professor na sala de aula, ele é soberano e em função disso pouco se sabe do que acontece lá dentro. Face aos fatos que acontecem talvez seja necessário revisar nossos conceitos. Se não corrigirmos este viés com atitudes sérias e profissionais, não podemos pretender um ensino de qualidade.

Argumentar que não temos espaço para mudar estas situações é falso. Todas as escolas tem espaço e tempo. Tornar esse espaço sério está atrelado proporcionalmente ao compromisso que temos com nossa escola. Os HTPI são espaços onde não cabe a prepotência, ou no seu outro extremo, o faz-de-conta. À guisa de lembrança, é preciso dialogar o tempo todo e me parece que este espaço é propício para que isto aconteça.

Se você não dialoga não tem como dividir responsabilidades, trocar informações sobre qualquer coisa que seja. Não temos como saber se temos auto-suficiência profissional.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Observações preliminares e constatações posteriores mostram que uma boa parte dos docentes não tem essa preocupação, porque os sinais internos ou externos de uma unidade escolar vão se tornando evidentes ao longo e sofrível ano escolar.

Alguns exemplos são muito claros e de simples verificação. Nas reuniões de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) destaca-se especialmente o mau comportamento do aluno, opina-se sobre seus problemas emocionais, traços de personalidade, falta de atenção etc, etc. Não se fala sobre conteúdo, não se fala se o programa planejado foi alcançado, e se não foi o que pode ter acontecido. Também não é cobrado pela coordenação se alguma coisa se fez para reverter o mau aproveitamento do aluno. Não se discute em momento algum a questão metodológica, etc.

Como resultado disso, manifestam-se uma série de conflitos não apenas na relação professor-professor. Muito mais séria é a relação professor-aluno, e mais preocupante ainda a relação aluno-aluno.

Por que a visão da sala de aula tem essa distorção hoje, tanto para o aluno como para o professor? É um lugar onde tudo acontece, menos troca de conhecimentos? Dir-se-á que o professor não tem postura? Que o aluno não tem limites? Por acaso o professor é resistente em mudar sua concepção de aula e por isso é acusado de uma imobilidade generalizada, principalmente no que se refere à questão do método?

Se utiliza uma determinada metodologia, esse professor tem consciência da ambigüidade entre essa forma de fazer e esse novo aluno com expectativas e interesses, totalmente opostos aos padrões estabelecidos pelo professor?

Se não tiver cumplicidade consigo mesmo, como buscar a cumplicidade com o aluno numa sala de aula? Só há cumplicidade se surgir o dialogo e ele tem que ser freqüente, eterno, enquanto a raça humana existir.

Segundo Platão a fonte do saber não está na memória, mas no diálogo a partir de perguntas e respostas.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Há evidências muito claras de que estamos em crise. Em vez de isto ser preocupante e encarado como algo negativo, devemos ter um certo grau de otimismo. As crises necessariamente nos levam a mudanças, a questionamentos. Temos bons motivos para sermos otimistas; hoje somos detentores de muito conhecimento no que se refere aos processos de aprendizagem, e isso pode fazer uma diferença enorme para decidirmos o que deve ser feito ou não dentro da escola, dentro da sala de aula.

Se admitirmos esta possibilidade, não temos como não discutir com mais propriedade o que está acontecendo na sala de aula.

Uma questão premente é o aspecto metodológico, tomemos como exemplo a língua portuguesa: a maioria dos alunos do ensino fundamental apresentam sinais claros de dificuldade na interpretação de textos e na expressão oral. Inúmeros artigos em diversas revistas evidenciam que um simples material de apoio, passa a se constituir para o professor o eixo de seu trabalho. Esta "metodologia" compõe-se de algumas leituras do manual, de algumas explicações sobre o conteúdo, de alguns questionários e de constantes improvisações.

Neste contexto, que desempenho poderia se esperar do aluno, a não ser a constatação cada vez mais freqüente da inabilidade na redação e de um vocabulário precário, que contribui para sua ilegibilidade na interpretação de textos e na sua expressão oral?

Não fica isento desta crítica o professor; boa parte deles também não lê e, por vezes, se utiliza durante as aulas de fichas com conteúdos que nada têm a haver com esse novo aluno e que foram feitas para outras turmas, num outro contexto.

Diante de tantas ambigüidades, verificar o desempenho do aluno fica paradoxal. Vejamos que sinais evidenciam que muita coisa não vai bem. Nas avaliações que acontecem nos conselhos de classe, a cada bimestre, muitos alunos ficam com conceito

D em várias disciplinas, menos em matemática e português. Não parece esdrúxulo que tendo conceito A nessas últimas tenha desempenho ruim nas outras?

Ainda outra situação, tendo obtido conceito A ou B em várias disciplinas, por mau comportamento acaba ficando com conceito D. À guisa de lembrança, a sala de aula definitivamente não é sala de treinamento onde a preocupação é modificar comportamentos. Aliás, os resultados desse "treinamento" são desastrosos, evidenciando até mesmo o desconhecimento da metodologia comportamental.

Como explicar esta outra situação avaliativa: numa classe de 35 alunos 75% dos alunos tem conceito D numa determinada disciplina. É possível acontecer isto? Sabemos pela literatura que um baixo desempenho pela maioria dos alunos reflete um conteúdo inadequado, nenhum critério para selecionar esses objetivos, tipo de metodologia, etc.

Nosso cotidiano escolar não pode ser interpretado apenas com instrumentos disciplinares, pois eles não estão compartimentados em áreas ou disciplinas. Ensinar e entender o aluno requer novas abordagens, implica também numa boa formação docente.

A este respeito, a realidade não é muito animadora por diversos motivos, entre eles a formação que esse professor tem na Universidade. Guardadas as devidas proporções, o que acontece no ensino fundamental acontece também no terceiro grau.

Ainda, a Pós Graduação que, entre outras, coisas deveria possibilitar a melhor formação do educador é pretensiosa quando seleciona seus candidatos por meio da proficiência de uma língua estrangeira, com caráter eliminatório. Que se faça proficiência em língua portuguesa para não ter problemas na interpretação de textos e redação, tão essenciais no desenvolvimento da dissertação e tão fundamentais na sala de aula!



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Concepções pedagógicas desse porte não são discutidas, não existe a indagação permanente que possibilite discussões e avaliações das propostas de trabalho, de planejamento. A verdade é que esquecemos de dialogar, em nome de uma sociedade menos rígida, com padrões sociais novos, cada vez nos individualizamos mais. E esse isolamento em nada contribui para que haja mudanças na sala de aula, para o aprendizado do aluno. O que se constata na maioria das vezes é a precariedade no aprendizado do aluno e o aumento de reprovações, sem que a escola procure soluções.

Quem não tem um cenário de conhecimento mais amplo pode e deve procurar o universo pedagógico nas idéias de Jean Piaget e nas suas descobertas sobre o processo de aquisição do conhecimento.

No que se refere às reprovações no ensino fundamental implica por parte da escola numa discussão séria, constituindo-se em tema central das reuniões de HTPI, onde devem ser discutidas as proposituras no preparo das aulas, seu planejamento e principalmente sua metodologia.

Quando aleatoriamente são observados os cadernos de um aluno em qualquer disciplina podemos perceber que não houve a intervenção do professor. Um único caderno é dividido para todas as disciplinas, inclusive servindo como agenda. Trágico disto é que não há registro do conteúdo trabalhado na sala de aula. Se isto não for documentado pelo aluno, não há como avaliá-lo posteriormente.

Uma análise superficial dessa relação professor-aluno evidencia uma série de antagonismos agravados pelo desinteresse da família em acompanhar o desenvolvimento do filho.

Avaliar este aluno passa a ser um desafio, que não pode ser sustentado nas formas tradicionais de aprovação, portanto a avaliação tem que ser feita por vários procedimentos que facilitem a observação contínua do aluno em seus diversos aspectos que traduzem seu aproveitamento.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Os procedimentos de avaliação, por terem diversas modalidades, podem facilitar as mudanças na estratégia anteriormente planejada, facilitando uma melhor aprendizagem por parte do aluno, mesmo porque cada um deles tem um ritmo próprio de aprendizagem e desenvolvimento.

Avaliar não é uma tarefa apenas do professor, tem outras implicações, entre elas a estrutura que a escola dá como suporte, como, por exemplo, o tempo disponível e as condições de trabalho. Os professores da escola pública, que trabalham em dois ou três períodos, não tem condições de fazer um acompanhamento individualizado que permitiria uma avaliação diferenciada desse aluno com interesses e expectativas diferentes.

Reprová-los apenas não resolve, sobretudo, porque nas atuais orientações esse aluno será promovido. Essa aprovação, feita dessa maneira, é que deve preocupar-nos, se de fato também nós estamos interessados na aprendizagem desse aluno.

Muitas vezes, alguns alunos são aprovados em circunstâncias paradoxais, como, por exemplo, quando chegam ao limite do mau comportamento e são egressos do ano escolar, isto no ensino fundamental. Acontece também no ensino médio e no ensino superior e, não fiquem surpresos, porque também ocorre na pós-graduação.

Quando expomos estes fatos não é para generalizar, muito menos ofender quem quer que seja, mesmo porque cada um de nós tem consciência da formação que teve e da autosuficiência profissional que possui. No entanto, é necessário que mudemos essa situação, e que a mesma transcenda ao falso elogio, a mesmice, e principalmente ao corporativismo.

Reconhecer que o problema existe e que, como educadores, não estamos dando conta do que está acontecendo em sala de aula é meio caminho andado. Essa tomada de consciência é fundamental. O que segue a esse processo não é nada fácil. Se as dificuldades são técnico-cognitivas, elas são menos difíceis e menos demoradas que as



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

atitudes; estas são muito complexas e requerem um tempo razoável para serem modificadas.

Imagine apenas a dificuldade que temos de dialogar entre adultos; pense sobre suas relações com seus pares no cotidiano; indague, critique, reflita sobre seu papel social no contexto pedagógico atual, na sala de aula. Certamente chegará a conclusão de que o momento exige mudanças e inovações em si mesmos, na didática que empregamos e na competência emocional que devemos ter para que haja mudanças nas nossas atitudes, nos nossos comportamentos como pessoas.

